

14 DE DEZEMBRO DE 2007  
Diário do Minho

Este suplemento faz parte da edição n.º 27984 de 14 de Dezembro de 2007, do jornal Diário do Minho, não podendo ser vendido separadamente.

# Património



IGREJA  
DE  
FONTE BOA

Esposende

Textos:  
José Carlos Ferreira  
Francisco de Assis  
Fotos:  
Francisco de Assis





# Referência mais antiga a Fonte Boa data da segunda metade do século XI

## Introdução

O suplemento "Património" de hoje é dedicado à igreja de São Salvador de Fonte Boa, em Esposende. Um curioso nome bem mais agradável que a designação anterior, Fonte Má, como foi conhecida durante séculos. A mudança deu-se no século XVI, mas há dúvidas quanto ao Arcebispo que ordenou a substituição do nome que, tudo indica, estará relacionado com a qualidade da água.

Fonte Boa, como vamos poder constatar neste suplemento, é a junção de duas freguesias: Santa Maria da Lapela ou Alapela e São Salvador. Em 1542, Santa Maria da Lapela foi absorvida por São Salvador. A união deu-se tanto a nível administrativo como a nível paroquial ou religioso. A antiga igreja de Santa Maria da Lapela pertenceu ao padroado do Duque de Bragança.

A actual igreja é uma construção do início do século XVIII, substituindo uma igreja menor, já em estado de completa ruína.

Fonte Boa era uma terra rica e de muito prestígio, disputada pelos abades. A paróquia era uma passagem dos caminheiros de Santiago.

Depois de anos em completo desleixo, seguiu-se um período de obras de restauro e embelezamento. E a igreja de São Salvador de Fonte Boa está novamente airosa e enche de orgulho os paroquianos e seu pároco.

Referência ainda para as pinturas de Manuel Luís Pereira na antiga residência paroquial.



> S. Salvador é o padroeiro da paróquia de Fonte Boa

**A**s primeiras referências a Fonte Boa, segundo os investigadores, datam do século XI, com a curiosidade da designação desta freguesia aparecer nos documentos como Fonte Má.

Segundo Teotónio da Fonseca, no seu livro "Espozende e o seu concelho", editado em 1936, «esta freguesia foi primitivamente conhecida pelo nome de Fonte Má, da fraca água que nela havia».

O historiador Manuel Albino Penteadado Neiva afirma, por sua vez, no seu livro "Fonte Boa: Passado e Presente", que «num documento de 1059 Fonte Boa é designada por Fonte Má», tratando-se «do inventário das Herdades e Igrejas de Guimarães, no qual se diz que "...Et in fonte mala quantum ibi est nostra Veritas...".

Ainda segundo Manuel Albino Penteadado Neiva, no século XI, «os moradores de Fonte Boa pagavam um Censo à Sé de Braga, constituído por medidas de trigo». «Em 1102, Diogo Crescones doou à Sé de Braga "unum casal in Fonte Mala».

E, a 27 de Fevereiro de 1161, «Maior Pais, com o cognome de Bofina, de consentimento do marido, doou à Sé de Braga "de tertia parts de ecclesia Sancti Salvatoris de Fonte Malo quam

habui a parentibus méis", isto é, legou «a terça parte da igreja de S. Salvador de Fonte Má», acrescenta.

Nas Inquirições de D. Afonso II, em 1220, «esta freguesia vem referida como "De Sancto Salvatore de Fonte Mala", enquanto que mais tarde, em 1258, nas Inquirições de D. Afonso III, diz-se "in collatione Sancti Salvatoris de Fonte Mala", refere o historiador. No seu estudo, Penteadado Neiva sustenta ainda que, «em 1290, no reinado de D. Dinís, designava-se por "Parrochia Sancti Salvatoris de Fonte Maa" e, «mais tarde, em 1320, "Ecclesia de Sancto Salvatoris de Fonte Malo as septuaginta libras"».

Já em 1439, segundo o historiador, «o Arcebispo de Braga, vendo que Barqueiros não tinha padre, decidiu que esta deveria ser paroquiada pelo Abade de Fonte Boa, então o Abade Fernando Martins». «A igreja desta freguesia foi do Padroado dos Duques de Bragança, passando depois para os Arcebispos de Braga, por permuta ou escambo entre o 1.º Duque D. Afonso e o Arcebispo de Braga D. Fernando da Guerra, isto em 5 de Julho de 1459», acrescenta.

### Anexação de Alapela a Fonte Boa

No século XVI, a igreja de Lapela, ou

Alapela, como era designada na altura, foi anexada a Fonte Boa, sendo opinião dos historiadores que tal aconteceu devido ao facto da população ter diminuído.

«Estamos convictos de que o processo de anexação se desencadeia devido a uma forte retracção demográfica», sustenta Manuel Albino Penteadado Neiva, no seu livro "Fonte Boa: Passado e Presente".

Tanto este historiador como Teotónio da Fonseca afirmam nos seus textos que esta anexação terá acontecido em 1542, atribuindo a autoria do processo ao Arcebispo de Braga D. Frei Bartolomeu dos Mártires. Segundo Penteadado Neiva, «nesse período, 1542, D. Frei Bartolomeu dos Mártires procedeu a reajustamentos das divisões paroquiais, anexando Alapela a Fonte Boa "e que a igreja ficasse a Capela para o povo e que os fregueses de Alapela ajudassem os de Fonte Boa a fabricar essa igreja"».

Teotónio da Fonseca refere, por sua vez, que «a freguesia de Santa Maria da Lapela foi unida à de São Salvador de Fonte Boa em 1542 pelo Arcebispo de Braga D. Frei Bartolomeu dos Mártires».

No entanto, parece-nos que há aqui um pequeno anacronismo

uma vez que D. Frei Bartolomeu dos Mártires foi Arcebispo de Braga entre 1559 e 1581. Assim, a ser verdade a data da anexação em 1542, o Arcebispo de Braga nesse ano era o Infante D. Duarte, que ocupou o lugar exactamente nos anos de 1542 e 1543. Outra hipótese é a data poder estar errada e o processo ser mesmo de D. Frei Bartolomeu dos Mártires, o que colocaria a anexação um pouco mais tarde.

Contudo, esta última teoria parece ser pouco provável, como se pode depreender do estudo de Penteadado Neiva porque, segundo afirma «em 1549, os Homens Bons de Fonte Boa e o seu Abade decidiram demarcar as suas terras, registando tudo no seu Tombo» e «nele escreveu-se que se tratava da "igreja de S. Salvador de Fonte Má e suas anexas Santa Maria de Lapela e Sam Joham de Barqueyros».

Outra versão tem Franquelim Neiva Soares que, num artigo publicado no "Nascer de Novo", em Janeiro de 1981, defende que a anexação da Lapela aconteceu em 1459, quando o Arcebispo de Braga D. Fernando da Guerra e o 1.º Duque de Bragança efectuaram a permuta de terras.



# Igreja de Fonte Boa é uma edificação do século XVIII

A igreja de Fonte Boa é um monumento que foi edificado nos primeiros anos do século XVIII, substituindo um templo mais antigo que, segundo Teotónio da Fonseca, estava situado no Campo do Espírito Santo. No seu livro "Espozende e o seu Concelho", o autor afirma que a igreja de Fonte Boa «esteve primitivamente no Campo do Espírito Santo, mas os moradores de Fonte Boa e da Lapela, depois da união destas duas freguesias, mudaram-na para o local onde hoje está, mais chegada às casas».

Ainda segundo Teotónio da Fonseca, esta igreja «em 1700 foi reformada "à fundamentis" e corrida um pouco para o Norte».

Ao todo, este templo deverá ter demorado a ser construído mais de dez anos, a avaliar pelas fontes escritas e analisadas pelos historiadores. «Em 1714 dizia-se que esta igreja "feita de novo está açabada com toda a perfeição e grandeza» e «custou 4000 cruzados pouco mais ou menos», afirma Manuel Albino Penteado Neiva no seu livro "Fonte Boa: Passado e Presente".

Segundo este historiador, a igreja de Fonte Boa «é um templo amplo, de traça barroca simples, de linhas sóbrias e harmoniosas, bem patentes na fachada e, em especial, nas molduras da porta principal».

Inicialmente, tendo em consideração as informações recolhidas pelos investigadores, este templo possuía um torreão onde se encontravam os sinos. Penteado Neiva conta que «a 1 de Março de 1729 foi comprado o sino grande», que «pesava 13 arrobas e custou 157.340 reis». «Esse sino, em 1740, quebrou, acontecendo o mesmo com o sino pequeno. Foram retirados da torre sineira e levados para a Fundação de Braga para arranjar, sendo alguns meses depois recolocados na torre. O sineiro da obra foi José Rodrigues, da cidade de Braga, aliás o mesmo que os tinha fundido em 1729», acrescenta.

## Nova torre sineira

Pouco mais de um século decorrido depois da construção da igreja, a torre teve que ser substituída. «Em 1831, estando o torreão em ruínas, foi mandada construir, ao lado direito da igreja, uma sólida torre», afirma Teotónio da Fonseca.

Na nova estrutura foi também colocado um relógio pela Confraria do Santíssimo Sacramento, em 1906. «Era Juiz da Confraria o padre Joaquim Emílio, e quem forneceu esse relógio foi a Casa do senhor Andrade e Melo, da cidade do Porto», re-



> A igreja de Fonte Boa deve ter sido construída entre 1700 e 1714



> Altar-mor da igreja de Fonte Boa

fere Penteado Neiva, acrescentando que esta peça terá, eventualmente, substituído um outro relógio que consta de um rol de despesas datado de 1718.

Entretanto, afirma ainda o historiador, em 1958, o sino grande voltou a quebrar, o que obrigou a paróquia a comprar um novo à Firma Serafim da Silva Jerónimo, de Braga. «Depois de colocado os paroquianos verificaram que este tinha um toque diferente daquilo que estavam habituados. A Fábrica da Igreja tinha pedido o toque correspondente à nota musical Ré. Na mesma altura comprou-se um sino mais pequeno para a sineira do lado poente.

Em 1953 a paróquia projectou ampliar o seu templo, pensando, na altura, em construir duas capelas laterais, ficando o projecto a cargo de Manuel Fernandes Ribeiro, de Palmeira de Faro. «Para preencher as capelas laterais foram adquiridos dois altares em Perre, Viana do Castelo, os quais custaram 8.000\$00. Estes altares pertenciam à antiga igreja de Perre, que ia ser demolida. Como as obras não tiveram lugar, foram os mesmos arrumados na capela do Senhor dos Passos», afirma Penteado Neiva.

Ainda segundo o historiador, esta

capela do Senhor dos Passos, que fica do lado esquerdo da igreja para quem está de frente para a fachada do templo, foi construída em 1718.

«Em 1714, na igreja paroquial, existia uma imagem de Cristo crucificado e outra do Senhor da Coluna. Julgamos que a forte devoção, reinante na época, assim como as devotas imagens da igreja, estarão na génese da capela», sustenta.

Do outro lado do templo existe uma outra capela dedicada ao Coração de Maria, que, tendo em consideração o trabalho de Penteado Neiva, foi construída em 1866. No ano antes, conta, foi celebrada na igreja de Fonte Boa uma missa onde esteve presente Frei João dos Santos Rosa, franciscano, natural da freguesia de Carvalho, em Celorico de Basto. «A sua mensagem, anunciante da Boa Nova, e como grande devoto do Santíssimo e do Imaculado Coração de Maria, encheu os corações dos fonteboenses. Desde logo se organizaram e resolveram edificar uma capela e mandar executar a imagem do Coração de Maria», afirma, acrescentando ainda que um dos benfeitores desta obra foi o Comendador Manuel Domingues Mariz, do lugar de Alapela, que também doou a coroa de prata para a imagem.



> O relógio da torre data de 1906 e foi pago pela Confraria do Santíssimo Sacramento



# Igreja de São Salvador

## voltou a ter dignidade e brilho

A igreja paroquial de São Salvador de Fonte Boa é hoje um templo airoso, seguro, funcional, com dignidade e comodidade para os fiéis. As opções no restauro são discutíveis uma vez que, como diz o povo, cada cabeça a sua sentença. Porém, o que não deixa dúvidas é a mudança radical verificada. De uma igreja desleixada, insegura e desagradável, os paroquianos de Fonte Boa ganharam um templo com brilho e dignidade própria da casa de Deus.

O jovem padre Manuel da Rocha chegou à paróquia em 2002 e encontrou a igreja muito degradada «a todos os níveis. Estava a precisar de obras urgentes de restauro».

Mas não era só a igreja. As infra-estruturas de suporte à actividade paroquial, nomeadamente a Casa Pastoral, também não dignificam nem a rica história da freguesia nem as gentes de Fonte Boa.

Por isso, o novo pároco, juntamente com o Conselho Económico, decidiram avançar com as obras, praticamente em simultâneo. Assim, em Janeiro de 2003 começaram os trabalhos na Casa Pastoral e, em Abril arrancaram com as obras na igreja. «O problema maior era a possibilidade de o tecto vir abaixo. Estava muito apodrecido, desalinhado e dava a sensação de que poderia vir abaixo mais dia menos dia», precisou o padre Manuel da Rocha.

Os paroquianos estavam conscientes da situação crítica em que se encontrava o seu templo. Por isso, não foi difícil a mobilização e adesão dos fiéis de Fonte Boa, nomeadamente nos peditórios e cortejos realizados. O sacerdote explicou ainda que ao

mexer nos tectos, o telhado também teria que ser intervencionado. Aliás, o próprio telhado já não estava em boas condições. «Era antigo e o barroteamento estava velho e desalinhado».

Por outro lado, havia infiltrações na zona da torre e na parte frontal da igreja. Ou seja, todas as circunstâncias apontavam e recomendavam obras imediatas.

Ainda assim, a primeira tarefa foi inventariar todas as reais necessidades do templo, mas escolher prioridades. «Tudo necessitava de obras, mas a prioridade foi começar pela Casa Pastoral onde os movimentos da igreja se reúnem. Primeiro criámos espaços para os grupos poderem funcionar e a paróquia ter o seu espaço», referiu.

### Inauguração em 04/04/04

Segundo o padre Manuel da Rocha, aproveitou-se para mexer em tudo. O tecto antigo, já em caixotões, tinha algumas pinturas, que entretanto foram removidas.

«Fizemos um tecto completamente novo, incluindo as pinturas. O tecto antigo tinha meia dúzia de pinturas e agora tem em todos os caixotões, com os mais variados motivos. Só as pinturas dos quatro evangelistas, na capela-mor, é que foram preservadas, com apenas alguns retoques. As pinturas no tecto do corpo da igreja não eram significativas. Pensou que enriquecemos o tecto com novos elementos decorativos com motivos litúrgicos e sobre a nossa região e a nossa diocese».

Ainda no tecto, destaque para o remate dourado que é completamente novo.



> Aspecto geral do interior da igreja de S. Salvador de Fonte Boa

A capela-mor não foi muito mexida, mas sobressai a troca da tela gigante que cobre o trono. No local estava uma tela do padroeiro, de autor desconhecido, mas que foi repintado por António Cruz – o mestre “Pinta Ratos”, em 1918, como escreve Manuel Albino Penteadado Neiva, na sua publicação “Fonte Boa: passado e presente”.

De acordo com o mesmo autor, a tela foi mandada fazer pelo abade D. Inácio de Jesus A. Ferreira, que

esteve em Fonte Boa entre 1779 e 1808. Isto é, trata-se de uma tela valiosa pintada entre o final do século XVIII e princípios do século XIX. Na intervenção, também foram removidos os azulejos considerados não condizentes com a igreja e foram colocados outros, com outra categoria.

O altar das almas foi remodelado. Naquele espaço estava uma tela das almas que, na perspectiva do padre não se enquadrava com o altar, por

este ser de caixa funda. Assim, o painel foi recuperado e colocado na capela do Coração de Maria, que também serve de capela mortuária. Para o altar das Almas arranhou-se uma escultura de São Francisco de Assis a retirar almas do purgatório. A remodelação da igreja foi inaugurada no dia 4 de Abril de 2004 e a data está perpetuada no tecto.

Actualmente decorrem obras de instalação eléctrica no exterior, com apoio da Junta de Freguesia.



> Pinturas dos evangelistas, no tecto da capela-mor, foram recuperadas



> Data da inauguração, no caixotone do padroeiro



ABADES FAMOSOS E PEREGRINOS DE SANTIAGO EM FONTE BOA

# Confrarias desempenham importante acção sócio-caritativa e litúrgica

Como todas as paróquias, Fonte Boa sempre teve os seus movimentos paroquiais, com destaque para as várias confrarias. A diferença em relação a outras comunidades está no importante e histórico papel desempenhado tanto no campo sócio-caritativo como na solenização das liturgias. O historiador Manuel Albino Penteadado Neiva lembra que a tradição sócio-caritativa de Fonte Boa é antiga, não só nas confrarias, mas também pela acção dos abades famosos. Segundo o "Livro de Usos e Costumes", citado pelo investigador, em 1714, a freguesia tinha dez confrarias. Em 1812 já só restavam três, Confraria das Almas, Confraria do Santíssimo e Senhora do Rosário. Estas três instituições continuam vivas e dinâmicas. Ajudam a animar a paróquia, de modo particular nas liturgias. A mais antiga das confrarias será a do Santíssimo. Não há uma data precisa da sua fundação. No entanto, sabe-se que já existia em 1612. Penteadado Neiva refere que há uma lenda que diz que a Confraria tinha uma rica custódia que escapou à invasão francesa ordenada por Napoleão no dia 23 de Dezembro 1807, por ter sido enterrada. Completam-se agora 200 anos. Actualmente, a confraria do Santíssimo assume funções relacionadas com a liturgia, as festas do Natal, da Páscoa, do Padroeiro, entre outras. Assume também uma missa por mês a seguir à primeira sexta-feira.

No entanto, a confraria com acção mais notória publicamente é a das Almas. O pároco afirma que a devoção das almas na paróquia é muito forte, não só no que diz respeito aos defuntos, mas também no zelo pelo cemitério e na solenização das eucaristias. Também é desconhecida a data da sua fundação, mas sabe-se que é antiga. Além da actividade normal, o sacerdote destaca o facto de quase todos os paroquianos pertencerem à confraria. Por outro lado, a visita ao cemitério é feita não no dia de Todos os Santos, como acontece na maioria das igrejas, mas no domingo a seguir, exactamente para dar maior solenidade à devoção. «A Confraria das Almas dá solenidade às celebrações litúrgicas. Uma coisa é o pároco estar sozinho no altar e ter que se desenrascar, outra coisa bem diferente é saber que há pessoas a cuidar dessa preparação», afirmou o padre, em jeito de elogio. Outra confraria com o seu espaço próprio na paróquia, mormente nas celebrações marianas é a da Senhora do Rosário. Esta confraria existe, pelo menos, desde os finais do século XVII. No livro "Fonte Boa: passado e presente", Penteadado Neiva refere-se a uma



> Tela das Almas, na capela do Coração de Maria, que serve de "capela mortuária"



> Confraria do Santíssimo, que zela pelo "Santíssimo", existe pelo menos desde 1612

dádiva de 400 mil reis que Pedro da Silva, natural Fonte Boa e residente no Brasil, fez à Confraria da Senhora do Rosário, em 1695.

## Abades e peditórios

É de realçar a antiquíssima tradição do "Peditório de São Miguel", feita pelas confrarias. Antigamente era em género, actualmente é sobretudo em dinheiro. Peditórios cujos valores ou géneros angariados destinam-se sobretudo aos mais pobres. Havia também as "Sanjoaneiras" para sustento dos abades. Um porquito, um cabrito ou outro animal. Segundo Penteadado Neiva, o aspecto caritativo e social da igreja de Fonte Boa tem séculos, bem como o apoio dos abades aos peregrinos de Santiago que passavam na estrada medieval em Fonte Boa. «Davam-lhes alimentação, abrigo, curavam-lhes as feridas e davam-lhes roupas. Era uma função de apoio quase que de hospital», precisou. O investigador nota que nos inquéritos ou visitas pastorais à Fonte Boa, o próprio abade dizia que muitas vezes o dinheiro não chegava por causa dos apoios que dava aos



> Imagem recente de São Francisco de Assis, "salvando" almas

peregrinos de Santiago. De acordo com o historiador, Fonte Boa era uma igreja rica e sempre teve abades famosos. A arquidiocese de Braga tinha o cuidado de escolher abades de elite para Fonte Boa. E estes tinham os seus curas e assistentes. «Os abades eram sempre pessoas de alta referência e muitos pertenciam

ao cabido. Por exemplo, os cónegos de Braga gostavam de ser abades de fonte boa», especificou. Entre outros nomes, destaque para o abade Jerónimo José da Costa Rebelo, que foi bispo do Porto e deputado às Constituintes, em 1820, tendo sido considerado um dos mais destacados clérigos de Braga. Foi abade em fonte

Boa por duas ocasiões. O próprio abade Afonso de Meira Carrilho, fundador do Bom Jesus de Fão e criador dos estatutos da Irmandade do Bom Jesus de Fão. Um dos elementos que dão ideia da riqueza da igreja é o «imponente arcaz» [cofre ou mula], já arrolado em 1549. Uma peça digna de museu.



# Antiga residência paroquial guarda pinturas de Luís Pereira



> Pintura de Manuel Luís Pereira, na antiga residência



> Um dos temas das pinturas são as quatro estações do ano

Aproveitando a passagem por Fonte Boa, é de justiça que o suplemento "Património" desse conta de um interessante espólio imóvel na sala de jantar da antiga residência paroquial da freguesia de Fonte Boa. Trata-se de um conjunto de pinturas da autoria de Manuel Luís Pereira, que também assinava Manuel Luís Pereira Barcelos, por ser natural da "terra condal". A sua obra é vastíssima. Quanto à qualidade, como sempre, há quem goste e quem não goste. Ainda assim, achamos que vale a pena ser divulgado, tanto mais que há especialistas que consideram que merece um lugar no panorama das belas artes de Barcelos e não só.

Na sequência da implantação da República, em 1910, seguida da nacionalização dos bens da igreja, a antiga residência foi à hasta pública e vendida a dois particulares. A parte que aqui nos interessa foi adquirida em 1920 pelo pai do actual proprietário. As informações sobre o artista são-nos dadas por Victor Pinho, director da Biblioteca Municipal de Barcelos, na obra "Barcelos Terra Condal - Congressos". No artigo intitulado Manuel Luís Pereira, um «apreciado e festejado artista», Victor Pinho mostra o apreço pelo pintor. «Embora autodidacta, Manuel Luís Pereira legou-nos uma das mais antigas panorâmicas de Barcelos. Produziu vários frescos não só em Barcelos, mas em localidades vizinhas. Merece, por isso, figurar nos dicionários e nas enciclopédias, como um artista de valor, para ser lembrado aos vindouros».

Não existe consenso quanto à data da realização das pinturas. Há autores, incluindo Teotónio da Fonseca, que, baseando-se numa assinatura existente, indica que terão sido feitas em 1803. Porém, o abade de Fonte

Boa, Paes de Villas Boas, "o Pancrácio", especifica que «Manuel Luís Pereira se homiziou em Fonte Boa, perseguido pelos miguelistas no tempo da guerra civil, pois o pároco, embora miguelista, era seu amigo, executando aquelas pinturas para matar os ócios de uma reclusão forçada».

Ora, a descrição tem lógica, mas nunca seria em 1803, uma vez que a guerra civil só começou em 1828. Há quem defenda que os frescos foram executados no tempo do famoso abade Jerónimo José da Costa Rebelo, altura em que foram feitas obras tanto na igreja paroquial como na residência. Tanto quanto se sabe, as pinturas foram também uma espécie de pagamento pelo acolhimento. Segundo Victor Pinho, quando co-

meçou a guerra civil o pároco de Fonte Boa era Jerónimo Rebelo, que trabalhava como coadjutor do então abade D. Inácio de Jesus Maria Azevedo Ferreira, com cónego regrante de Santo Agostinho. Sobre a data da realização, há algumas incongruências nas fontes, principalmente porque relacionam a pintura com a guerra civil.

#### Estações do ano, poesia e música

No entanto, se nas datas há divergências, quanto à qualidade e valor das pinturas, há mais consensos. A maioria considera que os quadros têm qualidade. Mas as pinturas devem ser valorizadas também pelas circunstâncias da sua execução, num tempo crítico que o país atravessava. Pode-se ainda valorizar outro aspecto: a ami-

zade sobrepôs-se à ideologia política. Isto é, apesar do padre ser miguelista e Luís Pereira estar a ser perseguido pelos partidários de D. Miguel, não houve denúncia.

Em relação aos motivos, são visíveis as quatro estações do ano, com destaque para a Primavera e Outono; duas são relativas à música, uma tem uma jovem a dar de beber a uma ave, quadro que pode ser interpretado como a sã convivência na natureza; e outro que é interpretado como o artista a pintar o retrato do pároco que o acolheu.

Manuel Luís Pereira tem uma marca própria de humor na assinatura e que não escapa também às pinturas de Fonte Boa, onde escreveu "Este Fez, ele pagou".

Sérgio Fernandes Grilo, proprietário da antiga residência de Fonte Boa, tem orgulho nas pinturas e gostaria de as preservar com toda a dignidade. Não é fácil por causa da humidade e pelo custo. Diz ter visto no Museu de Louvre, em França, quadros iguais aos da sua sala de jantar.

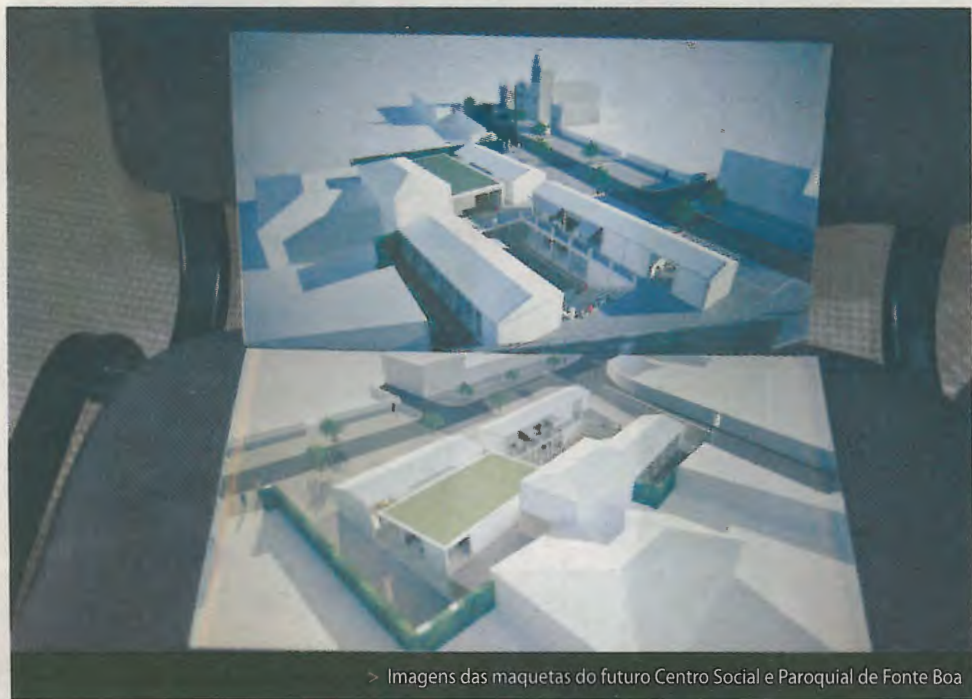
Barcelos, por ser a sua terra natal e, por consequência, onde era mais conhecido, é o concelho com mais trabalhos de Manuel Luís Pereira. Destaque para os quadros na igreja do Senhor da Cruz, na capela de Santo António, em Martim, e em Santa Eugénia de Rio Côvo. Mas Esposende, Braga, no Museu dos Biscainhos, e muitos outros locais guardam pinturas deste «festejado e apreciado artista», como escreveu o padre João Rosa.



A antiga residência paroquial pertence a dois particulares, onde estão as pinturas de Luís Pereira



# Paróquia de Fonte Boa sonha com construção do Centro Social



> Imagens das maquetas do futuro Centro Social e Paroquial de Fonte Boa



> Casa Pastoral de Fonte Boa onde funcionam as valências

O pároco de Fonte Boa garante que, depois de todas as obras já realizadas, o grande sonho agora é edificar um centro social e paroquial na freguesia, nomeadamente no terreno do passal, onde se encontra a chamada residência antiga. Segundo o padre Manuel da Rocha, o projecto já está elaborado, sendo da autoria do arquitecto Hélder Cerqueira. «É um projecto ousado, para 750 mil euros, que já foi apresentado publicamente a toda a comunidade», disse.

O sacerdote afirma que, para concretizar este sonho, a paróquia já conseguiu a promessa de um apoio por parte da Câmara Municipal de Esposende, caso a direcção não consiga a aprovação da sua candidatura ao PARES – Programa de Alargamento da Rede de Equipamentos Sociais. «Se não conseguirmos por aí, temos a garantia do presidente da Câmara de Esposende que ele nos dará todo o apoio para construirmos essa obra, claro está, contando também com aquilo que à comunidade diz respeito», referiu.

Neste momento, a funcionar no Centro Pastoral, o Centro Social e Paroquial de Fonte Boa já existe, sendo uma instituição que, como valências, presta apoio às crianças, tendo iniciado recentemente o apoio domiciliário. No que diz respeito à infância, o centro possui um ATL, onde cerca de 40 crianças da freguesia desenvolvem actividades nos seus tempos livres antes e depois das aulas. Ainda neste campo, a instituição também realiza um outro apoio considerado fundamental que é o fornecimento das refeições aos perto de 90 alunos do primeiro ciclo. Por outro lado, foi iniciado recentemente o apoio domiciliário, havendo já três beneficiários

aos quais também são fornecidas as refeições.

«Damos também apoios sempre que necessário, acolhendo, por exemplo, de forma gratuita as crianças que, porventura, os pais não tenham capacidade de pagar a sua prestação mensal. Damos ainda ajudas quando é necessário, como o caso recentemente em que pagámos os óculos a uma criança. Portanto, estamos aqui para as intervenções que forem necessárias», disse.

#### Novo centro permite novas valências

Com a construção do novo Centro Social e Paroquial de Fonte Boa, o padre Manuel da Costa mostra-se convicto que a instituição poderá partir para novas valências à comunidade. Segundo explicou, a nova infra-estrutura a construir prevê a criação de uma creche, mantendo-se em funcionamento o ATL, porque haverá sempre a necessidade de se dar apoio às famílias. Ainda segundo o que está planeado, será também criada uma valência para a Terceira Idade, mais concretamente um Centro de Dia, sendo ainda objectivo da direcção ampliar o apoio domiciliário aos mais idosos. «E teremos também o chamado salão polivalente para actividades culturais, nomeadamente para as actividades do rancho folclórico, que é uma associação que faz parte do Centro Social e Paroquial de Fonte Boa e precisa de um espaço para ensaios e até para apresentação das suas danças e dos seus cantares», salientou o pároco. Todo este projecto já foi apresentado publicamente na freguesia e é do conhecimento tanto do presidente da Câmara de Esposende como da Arquidiocese de Braga, que também já deram a sua aprovação ao novo Centro Social e Paroquial.

Questionado sobre como é que as pessoas reagiram quando viram o projecto, o padre Manuel da Rocha garante que foi com «muita satisfação» porque este «é um projecto feliz,

arejado, com beleza e é uma obra ansiada e desejada».

«O problema agora é saber se as pessoas estarão ou não cansadas de tudo aquilo que tem sido o investimento

aqui realizado, que não é pequeno. Nós andámos com 75 mil euros na Casa Pastoral e na igreja passámos os 200 mil euros de investimento», realçou.



> Imagens antigas guardadas na Casa Pastoral





Junto à igreja de Fonte Boa encontra-se a capela do Coração de Maria que foi construída em 1866. Recentemente, este pequeno templo foi alvo de obras de restauro tanto no interior como no exterior.



Na igreja de Fonte Boa há uma imagem de S. Roque que pode simbolizar o apoio que os abades desta paróquia deram ao longo dos séculos aos peregrinos de Santiago de Compostela.



Na sacristia do lado Norte está um cofre que, para além de ter dimensões fora do comum, é muito antigo, havendo referências a esta peça em documentos do século XVI. Aqui eram guardados os objectos mais preciosos da paróquia.



No altar-mor da igreja de Fonte Boa, em lugar de destaque, está a imagem de Santo Agostinho. Recorde-se que foi pároco de Fonte Boa, no início do século XIX, D. Inácio de Jesus Maria Azevedo, Cónego Regrante de Santo Agostinho.



As paredes da sala de jantar da antiga residência paroquial possuem frescos do pintor Manuel Luís Pereira pintados em 1803. O artista assinou a obra de uma forma curiosa.



A igreja de Fonte Boa possui um órgão de tubos que está a funcionar por ter sido recuperado há pouco tempo. Esta peça, considerada de grande valor patrimonial, já tinha sido reparada em 1954, levando foles novos.